



ACREDITAR
ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS
DE CRIANÇAS COM CANCRO



O impacto da Covid-19 na Oncologia Pediátrica

A Covid-19 veio trazer alterações profundas à população que se vê confrontada com um diagnóstico de cancro infantil. A Acreditar considera determinante que não se descure o que tem sido feito até agora nos serviços de oncologia pediátrica, que não pode haver desinvestimento nesta área e que os esforços feitos para que haja recursos para a investigação não tenham sido em vão. Assim como é importante garantir a igualdade de acesso a direitos de crianças e jovens, como a escolaridade.

Com um sistema imunitário mais enfraquecido, os jovens e as crianças com doença oncológica têm um maior risco de contrair infecções e menor capacidade para as combater. As famílias destes doentes não passaram a viver com o medo de toda a população portuguesa, perante um vírus com consequências ainda muito desconhecidas, mas com o pânico de ver a possibilidade deste vírus poder “infectar a doença que já existia” ameaçando, ainda mais, as vidas que já tão ameaçadas estavam. O desconfinamento da população não será acompanhado por elas.

A OMS considera que este será um vírus que se tornará endémico, e o Centro Europeu de Prevenção e Controlo de Doenças alerta que não haverá vacina ou tratamentos para a covid-19 nos próximos meses, perspectivando-se com isto um isolamento destes doentes, que terá implicações na saúde e sociais a longo prazo.

As maiores preocupações são:

- Não sabermos quantos **diagnósticos podem estar a ser ignorados**. Há pais com receio de ir aos centros de saúde ou aos hospitais e consultas e exames que não são considerados urgentes estão a ser adiados. As implicações: diagnósticos tardios; crianças e jovens que poderão ter de fazer tratamentos mais agressivos, que por sua vez poderão agravar sequelas, ou mesmo colocar em risco a

sobrevivência. Com os recursos desviados para a covid-19, os adiamentos de consultas e tratamentos já estão a acontecer com os adultos e o que se pode adivinhar é que irá acabar por chegar à pediatria. No acompanhamento, há sobreviventes de cancro pediátrico que viram as suas consultas adiadas. O apoio psicológico por profissionais especializados, dado a doentes em tratamento, é deficitário em relação às necessidades. Situação que se agrava com o isolamento.

- A investigação em oncologia pediátrica, que permitirá trazer novos tratamentos e novos medicamentos, é um sector sem investimento há muito. A Acreditar tem procurado inverter a situação com a promoção do diálogo entre os vários intervenientes. O nosso receio é o de que, com os recursos direccionados para o combate à Covid-19, **possa estar em causa a procura de tratamentos menos invasivos e de novos medicamentos** para crianças e jovens. Estes avanços significam menos efeitos secundários, menos sequelas, maior taxa e melhor sobrevivência.
- As famílias já têm **perdas económicas consideráveis** com o diagnóstico, quer por acréscimo de despesas, quer por perda de rendimentos. São situações **que se vão agravar** com a crise económica e com o facto de continuarem a ter de observar regras de confinamento enquanto não houver uma qualquer imunidade de grupo. A título de exemplo, **as juntas médicas**, em tempos normais já tão morosas, estão **suspensas até finais de Junho**, impossibilitando a obtenção ou renovação do Atestado Médico Multiuso. Situação que contribuirá para a perda de benefícios, que só este documento garante, a doentes com determinados graus de incapacidade, agravando desigualdades de várias ordens.
- Escolaridade: poderia ser a boa notícia destes tempos, porque **se generalizou proporcionar a todos os alunos** muitas das respostas às necessidades que as **crianças e jovens com doença oncológica deveriam ter**, sempre que necessário, como **o ensino à distância**. Ainda assim, convém assinalar que quando estão em tratamento há muitos alunos que não têm condições de saúde para assistir, por estarem demasiado debilitados, perdendo aulas que não são repetidas. Sabemos também que nem todas as crianças e jovens estão nas mesmas condições para poderem usufruir desta medida, por falta de computador, ou por não terem acesso à internet, embora a Acreditar tenha feito um levantamento para aferir quantas

crianças e jovens estariam nessas condições tendo colmatado algumas das situações identificadas.

O **regresso físico às aulas** volta a trazer **o problema da disponibilidade dos agrupamentos escolares para fazerem ou não este acompanhamento à distância**. Estes alunos não estão em desconfinamento, terão de continuar isolados. O nosso receio é o **de se estar a dar um passo atrás** e voltar a colocar estes alunos ao sabor de recursos disponíveis nas escolas, da boa vontade e muitas diligências junto da tutela, como era frequente até há muito pouco tempo antes da pandemia.

Dizer ainda, que o facto de a Acreditar trabalhar numa área atípica e rara, como é o cancro pediátrico, com cerca de 400 novos casos por anos, não obstante a taxa de 20% de mortalidade, tem levado à indiferença de várias entidades estatais. Situação que se verifica na falta de ajuda para despesas acrescidas, como a compra de EPI's, de testes para despiste da covid-19, assim como de apoio social tão necessário em época de crise.

O fim do isolamento para crianças e jovens com cancro não está à vista. Todos estes problemas se colocam agora e num futuro que não sabemos quando acaba. A Acreditar considera que não podemos continuar a adiar medidas que garantem melhores tratamentos, acesso igual a direitos e uma melhor sobrevivência.